

Nunca antes esteve Portugal tão na moda. É difícil, em passeio pelos centros do Porto e de Lisboa, encontrar um compatriota que nos dê indicação das horas. O mais provável é dar de caras com um estrangeiro que, educadamente, nos recuse o pedido na sua língua materna; com sorte, desembaraça-se com um “desculpe” mal pronunciado.

Mas, para que hoje se verifique este afluxo de turistas, o nosso país passou por uma autêntica metamorfose: libertando-se a nação do marasmo da ditadura, saímos, borboleta temerária, daquele casulo que viciava as nossas mentalidades e nos impedia de progredir, lado a lado, com os nossos parceiros europeus.

Uma terra de liberdade não se fecha ao estrangeiro: o turista traz com ele inovação, e pode o ativo, em diálogo, reformar-se. A tradição e a modernidade devem, no entanto, coexistir: o espírito de mudança deve ser bilateral, e muitos são os viajantes que, à procura da diferença, encontram no nosso país um recanto amoroso onde, preservada a História nas fachadas das nossas igrejas, palácios e casa de aldeia, assentar. Muitos deles optam por aqui ficar e comprar casa, tantas foram as temporadas bem passadas em visita às nossas praias e vilas do interior.

Estes novos residentes devem ser tratados pelo que agora são, cidadãos portugueses. Os que partem, terminadas as férias, levam um pouco do nosso país com eles, não num postal ou “souvenir”, mas lembrando-se dos sorrisos lusitanos que tão bem os acolhem. Contribui-se, assim, para a manutenção da boa reputação de Portugal no mundo.

Quer seja pela troca de ideias, a fixação de novas gentes ou por colocar Portugal nas bocas do mundo, qualquer incremento na atividade turística é um bom sinal e o governo não se deve poupar a esforços para promover o setor do turismo.

Carlos Ribeiro (9.º ano) - Escola Básica e Secundária Dr. Manuel Laranjeira, Anta-
Espinho